

para escavações, não tenha podido atribuir-me um subsídio para os trabalhos que ali realizei, baseado no facto de, oficialmente, eu estar em comissão de serviço na Universidade de Luanda.

À Empresa das Águas de Carvalhos testemunho, mais uma vez, o meu agradecimento pelos auxílios que gentilmente tem continuado a conceder para os trabalhos de conservação e valorização daquele pequenino castro, mas cheio de interesse arqueológico.

SANTOS JÚNIOR

Uma dança milenária

À distinta etnógrafa espanhola Elena Arizmendi, que ao estudo das danças populares se tem dedicado com paixão e apurada intuição artística, o seu admirador e confrade

O. D. C.

As pinturas rupestres do Caninguíri constituem um notável documento arqueológico angolano. Estudadas por nós e pelo nosso Assistente e colaborador Lic. Carlos M. N. Ervedosa, estão a ser publicadas no 2.º fascículo de «Ciências Biológicas», revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda.

Caninguíri é o nome duma aldeia indígena que fica a 43 quilómetros a sudeste do concelho do Mungo, que, por sua vez, fica a uns 150 km a norte da cidade de Nova Lisboa, capital de distrito da província portuguesa de Angola no ocidente africano.

Próximo da aldeia do Caninguíri há um cabeço com um amontoado de grandes penedos, um dos quais tem uma grande pala ou abrigo, com uns vinte e dois metros de comprimento por oito a dez metros de largura. O abrigo é conhecido pelo nome de *éuè uà uaiólua*, ou seja «pedra com pinturas».

Na parede fundeira do mesmo, numa extensão de cerca de dezanove a vinte metros e numa largura que varia entre pouco

mais de dois metros, nos pontos mais estreitos, a um pouco mais de três metros na zona mais larga, há grande número de sinais pintados, os mais deles em branco. Há-os também em vermelho de várias tonalidades e alguns, poucos, em amarelo oca.

Há representações de animais, todas de répteis. Vários lagartos, alguns cágados ou tartarugas e uma cobra. Predominam as figuras geométricas, algumas grandes e ventradas com cerca de um metro de comprimento; há mesmo uma com dois metros. São muitas as manchas elípticas e ovulares, como dedadas, seguramente mais de duas mil.

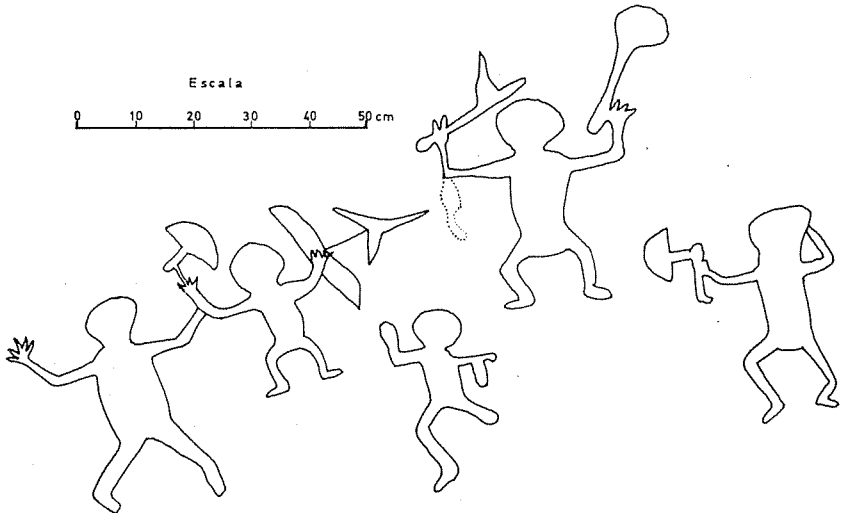


Fig. 1 — Grupo de dançantes do abrigo com pinturas do Caniquiri, Mungo, Nova Lisboa — Angola.

Há representações de figuras humanas repartidas por três ou quatro estilos. Tanto o estilo realista, em que se podem considerar dois tipos, como os estilos semiesquemático e esquemático ou estilizado, estão representados por pequeno número de pinturas. Predominam os sinais geométricos.

Ocupar-nos-emos neste trabalho dum conjunto de cinco figuras humanas que reproduzimos no desenho da fig. 1 e nas fotografias das figs. 2, 3, 4 e 5.

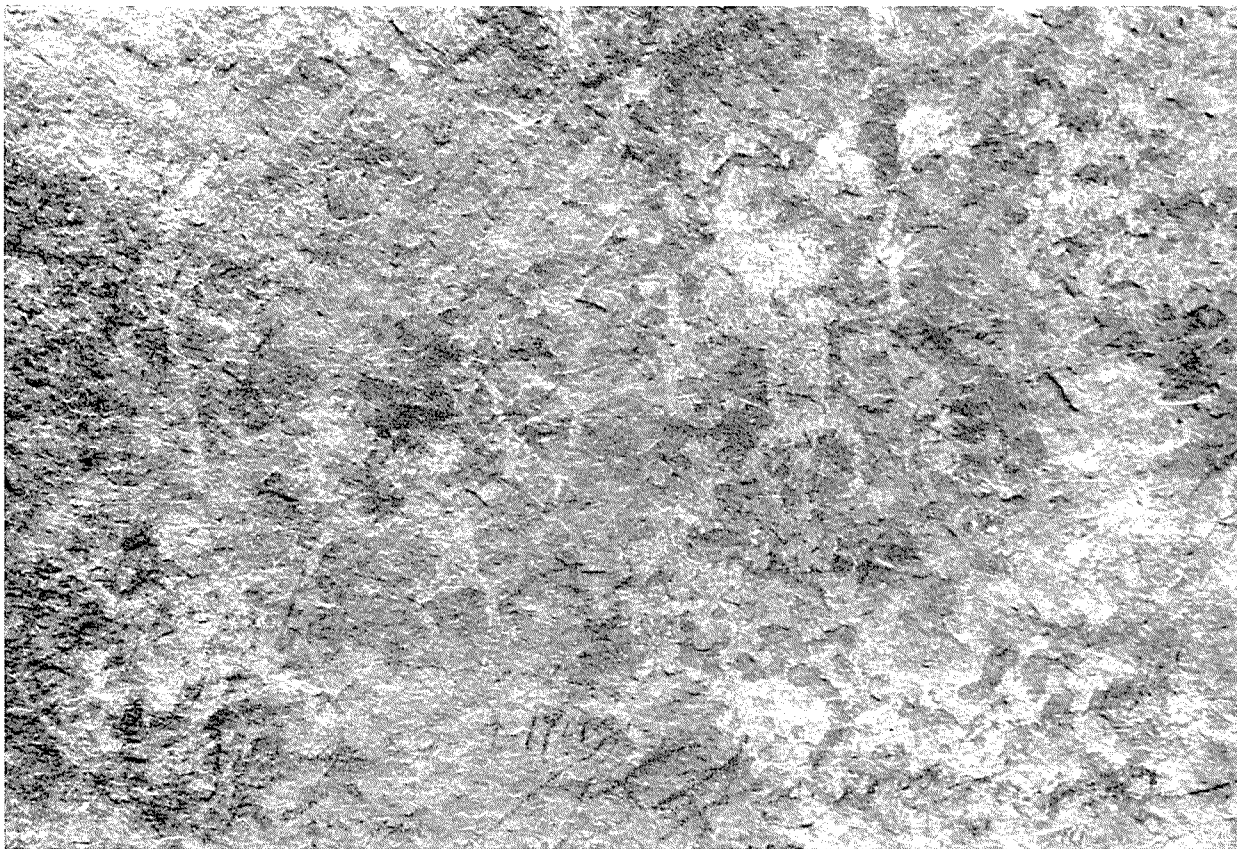


Fig. 2 — Conjunto dos cinco dançantes alguns dos quais empunham armas, moca, arco e flecha e machados



Fig. 3 — Pormenor da fig. 2

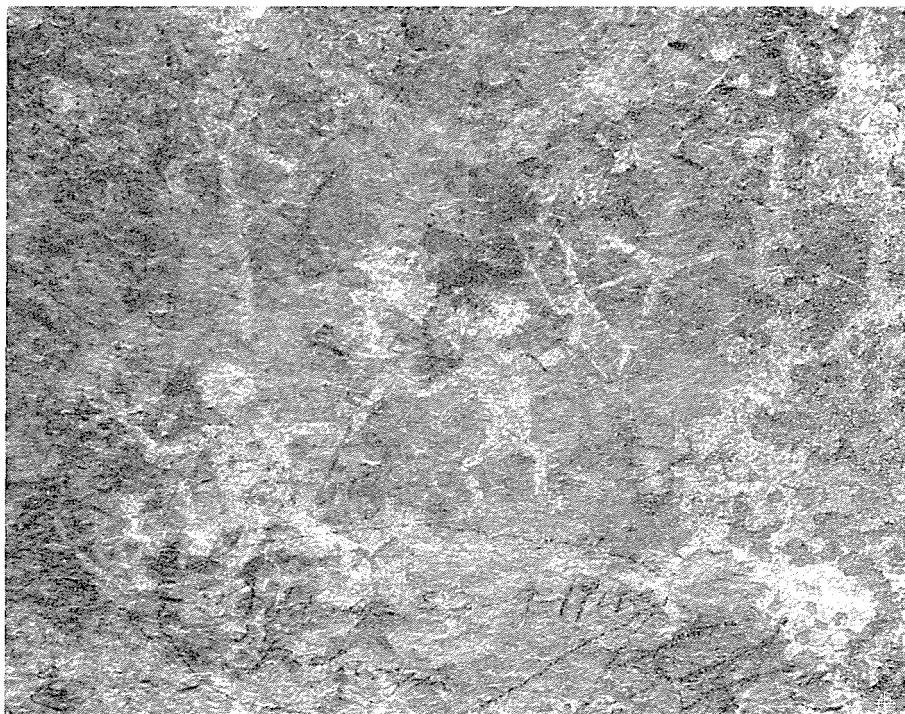


Fig. 4 — Três homens do grupo dos cinco dançantes. Um deles segura numa das mãos arco e flecha e na outra um machado de ferro em meia-lua

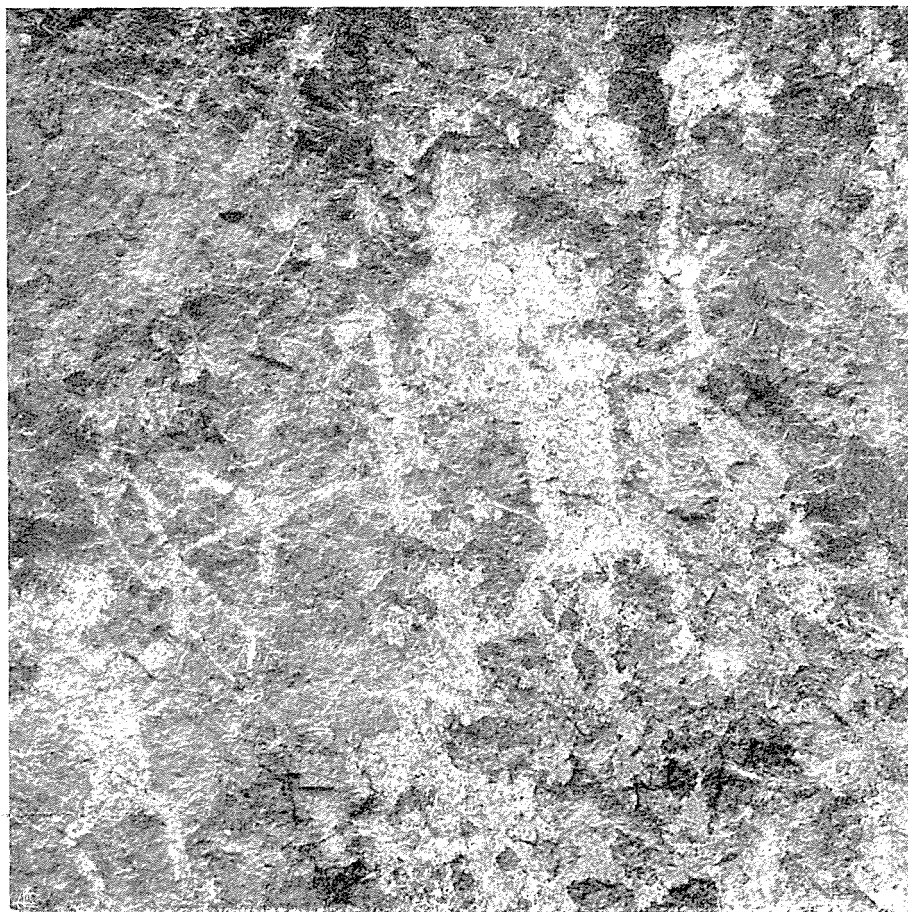


Fig. 5 — Pormenor da fig. 2 com o dançante cimeiro do grupo e; pela sua direita, o companheiro armado de arco e flecha. Esta fotografia mostra bem a superfície irregular da pedra com algumas manchas brancas de contornos rendados devidos a descamação de lascas

São figuras monocromáticas todas pintadas, em cheio, de branco bastante desbotado, e de tom ligeiramente amarelado. A pedra tem naquele ponto cor castanho amarelada, pelo que as figuras pouco sobressaem. Tanto assim que só ao fim de alguns dias, em que trabalhamos no abrigo, é que demos conta daquele grupo de figuras humanas.

O conjunto daqueles cinco homens tem um metro e quarenta centímetros de comprimento, fica sensivelmente a meio da parede do abrigo e a cerca de dois metros do chão.

A figura cimeira, uma das maiores, tem trinta e cinco centímetros de altura. Os braços estendem-se na horizontal à altura dos ombros com os antebraços flectidos e postos ao alto. Na mão esquerda, que mostra três dedos livres, segura uma grande moca, e na mão direita, com dois dedos livres, empunha um objecto terminado em forquilha. As pernas estão flectidas e com os pés virados para fora.

À direita desta figura cimeira há dois homens: um pequeno, de corpo com vinte e seis ou vinte e sete centímetros de altura, segura na mão esquerda um arco e flecha de grande ferro triangular, e na mão direita um machado de ferro em meia lua, com espigão encabado em cabo curto. Os braços e pernas desta figura estão em posição similar às dos braços e pernas da figura anterior. Nas mãos tem desenhados alguns dedos livres.

O outro homem, com a altura de quase quarenta centímetros, tem os braços na mesma posição das figuras anteriores; a mão direita está livre e nela bem desenhados os cinco dedos. Com a mão esquerda segura, bem firme, o meio do antebraço da figura anterior. Diz-se segura bem firme, por, na pintura, não se notar o menor vestígio de dedos desta mão. Por isso, pode considerar-se ter bem agarrado o antebraço da figura ao lado, que segura o machado.

Faltam-lhe os pés, que, a ajuizar pela flexão das pernas, deviam estar virados para fora como nas outras figuras.

A quarta figura, a meio do conjunto e em baixo, está muito deteriorada pelo lascado da pedra. Tem trinta centímetros de altura. Do braço esquerdo só resta o segmento proximal, do qual

parece prender um saco. O braço direito, flectido em ângulo recto e posto ao alto, termina pela mão fechada em punho, pois não é patente o menor sinal de dedos. Do membro inferior esquerdo só resta o segmento proximal ou coxa. O que falta, destruído pelas lascas saltadas, devia ter posição simétrica da perna direita e, portanto, estar como ela em flexão e com o pé para fora.

A quinta figura, a da extrema da direita de quem olha o conjunto, tem trinta e seis centímetros de altura, segura na mão direita um machado de ferro em meia lua, de espigão longo e de cabo curto, semelhante ao anteriormente referido. O braço esquerdo em acentuado grau de flexão, a que se não distingue a mão; ou a levou atrás da cabeça ou a encostou ao lado da mesma junto da orelha, na atitude própria de quem quer apurar a audição.

Como interpretar este notável conjunto de figuras humanas, todas de grandes cabeças?

Dado o facto de três dessas figuras estarem armadas, e duas delas até duplamente armadas, poderia supor-se que se tratava duma cena guerreira, tanto mais que o homem do extremo, à esquerda de quem olha a pintura, agarra bem firme o braço do pequeno homem que lhe fica ao lado, numa atitude que, à primeira vista, poderia interpretar-se como o intento de o desarmar.

Atente-se porém no facto de ambas as figuras duplamente armadas mostrarem nas mãos que seguram as armas alguns dedos livres, dois ou mesmo três.

Esta é a posição da mão de quem mostra delicadamente qualquer coisa, segura entre o polegar e o indicador, ficando três dedos livres, ou entre o polegar e os dois dedos vizinhos, deixando, neste caso, livres apenas o anular e o mínimo.

Depois a posição dos braços de todas as figuras flectidas em ângulo recto, com as mãos postas ao alto, e todas com as pernas em flexão, levaram-nos à convicção de que tal atitude é claramente a de dançantes.

Por isso julgamos que aquele conjunto poderá interpretar-se como uma dança realizada em culto e homenagem ao deus da guerra.

Dança ritual em que se imploraria a boa sorte nas lutas com as outras raças ou outras tribos inimigas.

Qual a data deste conjunto coreográfico?

Pelo estilo realista, pelo desbotado ou queimado da tinta, pode atribuir-se-lhe remota antiguidade.

A posição mediana ou central na parede do abrigo pode ser um elemento a evocar no sentido da grande ancianidade daquele grupo de dançantes, talvez o primeiro ou dos primeiros a ser pintado no magnífico conjunto do Caninguíri.

Ê-se tentado a atribuir àqueles cinco homens o mais antigo estádio cultural das pinturas do abrigo, onde, pelos estilos e pelas sobreposições, se podem considerar pelo menos 4 ou 5 níveis culturais.

Como nas escavações feitas no chão do abrigo se encontraram fragmentos de ossos, instrumentos paleolíticos de tipo microlítico (*later stoneage*) e bastantes carvões em vários níveis ou estratos, que, numa das escavações, foi a dois metros e vinte de profundidade, isso prova que o abrigo deve ter sido teatro de remotas práticas rituais.

Os carvões cuidadosamente recolhidos em sacos de celofane foram enviados a Pretória à «Natural Isotopes Division» do «National Physical Research Laboratory of the South African Council for Scientific and Industrial Research», África do Sul, para determinação do carbono 14.

Os resultados foram-nos comunicados em carta do seu ilustre director C. Vogel nos seguintes termos:

- «Pta-238: Mungo 3 — 7840 \pm 80: 5890 B. C. — D C¹³ — 25,4 %
charcoal from 85 to 100 cm depth.
Pta-239: Mungo 5 — 9670 \pm 90: 7720 B. C.
charcoal from 160 to 196 cm depth.
Pta-240: Mungo 6 — 10410 \pm 90: 8460 B. C. — D C¹³ — 25,3%
charcoal from 196 to 200 cm depth.»

Verifica-se que a camada de 85 a 100 cm de profundidade foi datada pelo C¹⁴ em 7840 anos mais ou menos 80, ou seja de 5890 anos antes de Cristo. A camada de 1,60 m a 1,96 m de pro-

fundidade foi datada em 9670 anos, com um erro de mais ou menos 90, ou seja 7720 anos antes de Cristo. A camada profunda de 1,96 m a 2,20 m foi datada em 10 410 anos, mais ou menos 90, ou seja 8460 antes de Cristo.

Quer dizer: o abrigo do Caninguíri com as suas pinturas rupestres deve ter sido teatro de práticas rituais que se desenrolaram de há cerca de 10 500 anos até data relativamente recente, como provam os muitos desenhos feitos a carvão com palavras de claro sentido religioso e com datas, que abrangem pelo menos o período dos últimos 50 anos. Alguns destes desenhos a traço negro estão sobrepostos às velhas pinturas rupestres.

Vimos que ao grupo dos cinco homens dançantes, se poderá atribuir, no conjunto das pinturas, uma remota antiguidade; é lícito admitir que há alguns milhares de anos, sete mil, oito mil, nove mil, ou mesmo dez mil anos, ali se teriam realizado danças rituais com finalidade mítica em culto e homenagem ao deus da guerra.

Os homens, com seus maneios coreográficos, ora brandamente executados em ritmo suave, em humilde atitude peticionária, ora em saltos inérgicos e vibrantes, a exteriorizaram força e audácia no manejo das armas, pôr-se-iam em contacto mítico com a entidade sobrenatural a que atribuíam o poder mágico de os proteger nas batalhas.

Desse modo partiriam para a guerra alegres e serenos, confiados na sua boa estrela.

Julgamos que este precioso conjunto dos cinco dançantes do abrigo do Caninguíri (Angola), bem antigo e belo conjunto coreográfico, notável pelo seu dinamismo e provável sentido propiciatório, pode ser considerado digno de figurar a par de outras brilhantes manifestações da arte rupestre do mesmo tipo do leste peninsular e da região franco-cantábrica.

Secção de Zool. e Antropologia
da F. C. da Univ. de Luanda
Maio de 1971.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. Cat. da Univ. do Porto em
comissão de serviço na Universidade
de Luanda-Angola